

A síndrome do Corona

Porque o medo é mais perigoso do que o vírus

Dr. med. Thomas Hardtmuth, Páscoa 2020

O médico Thomas Hardtmuth é escritor autônomo e ensina "Ciência da Saúde" e Medicina Social na Faculdade dual de Baden-Württemberg. Trabalha como médico desde 1985, mais tarde foi Chefe de Cirurgia e de Cirurgia de Tórax da Clínica Heidenheim. Publicações: *Das verborgene Ich, Denkfehler, In der Dämmerung des Lebendigen*.

Tradução: Ana Valéria de Souza Celestino

Uma onda de tensão assola o mundo, se por um lado ela provoca um efeito destruidor e enfermidades, por outro oferece a chance para aprendermos muito e uma oportunidade para darmos mais um passo em direção ao desenvolvimento civilizacional. Numa abordagem da "Ciência de Sistemas" fica claro que a pandemia, além de uma compreensão virológica, exige muito mais uma compreensão imunológica abrangente. O foco unidimensional em vírus, cadeias de infecção e em cenários negativos, desviam o olhar das influências sociais e psico-sociais decisivas para o sistema imunológico dos seres humanos.

No mundo científico se faz cada vez mais necessário a interdisciplinaridade, porque o aumento das especializações em disciplinas específicas trás consigo claramente um perigo. Os conhecimentos altamente qualificados em detalhes sobre o vírus Corona não são o suficiente para compreender - e conseqüentemente combater - o problema atual em sua totalidade.

Desde o surgimento da Patologia Celular de Rudolf Virchow e a "declaração de guerra" de Robert Koch contra os novos inimigos, os microorganismos, nós da ciência médica pensamos cada vez mais em "detalhes" e perdemos assim a visão do todo. Nós procuramos em células, bactérias, vírus, moléculas e genes a compreensão sobre os seres humanos e suas doenças. Queremos entender as coisas, separando uma das outras, como peças de uma máquina. Com certeza, este raciocínio puramente analítico tem sua razão de ser, desde que sempre encontre o caminho de volta da parte para o todo. Então falemos sobre o pensamento sistêmico, que não separa as coisas como faz a análise, mas através da Síntese as trás de volta para seu contexto.

Numa perspectiva antroposófica, vivemos agora a época da Alma da Consciência. É também a época do Iluminismo científico, iniciado no século XVI e que perdurará ainda um longo tempo. No fim desta época os seres humanos terão desenvolvido o horizonte de sua consciência bem mais do que possamos imaginar. Anteriormente conhecemos a era da Cultura da Alma do Intelecto. O pensamento lógico, como os filósofos gregos da Antiguidade desenvolveram, foi uma das habilidades formadas neste período.

A crise do Corona é um exemplo claro com o qual podemos estudar o conflito entre a

"velha" Cultura da Alma do Intelecto e a moderna cultura da Alma da Consciência. Falando de maneira simples, podemos dizer: A Alma do Intelecto generaliza e a Alma da Consciência integra. O Intelecto pensa em uma direção, a Alma da Consciência compreende toda a amplitude, a periferia de um fenômeno. Quando 5 pessoas brigam, porque cada uma tem a sua opinião, raramente o problema está na divergência das opiniões, mas sim na incapacidade de reconhecer que cada opinião, vista de uma certa perspectiva, têm sua razão de ser e que o problema não é a questão de um este-ou-aquele, mas sim de um tanto-quanto. A alma do Intelecto pensa de maneira linear no sentido de uma lógica unidimensional, onde B é consequência de A e C é consequência de B. Ela fundamenta na obrigatoriedade desta lógica de raciocínio a sua pretensão de estar certa. Mas este pensamento não é capaz de compreender o princípio do que é vivo, porque pensa apenas em cadeias causais e não em contextos integrais e em correlações complexas. As Ciências dos Sistemas são a expressão do desenvolvimento da Alma da Consciência.

Transferida para o problema do Corona, a Análise do Raciocínio é: os vírus nos fazem adoecer doente e se espalham por infecções. Os vírus podem sofrer mutações e levar à epidemias graves com um alto grau de mortalidade. Para evitar isso, temos de impedir o maior número possível de contatos, diminuindo assim os riscos de infecção. Para resolver o problema temos de fechar escolas, lojas, restaurantes, hotéis, teatros, salas de concerto e proibir todos os tipos de aglomerações humanas. Essa imagem do vírus é unidimensional, esta lógica segue apenas uma direção e se afasta cada vez mais da realidade, em certas circunstâncias isso que pode causar mais danos do que o próprio vírus.

Portanto, queremos usar aqui uma abordagem sistêmica para tentar esclarecer o problema do vírus e da pandemia a partir de uma perspectiva de múltiplas perspectivas.

Num programa de TV alemão (Anne Will) de 22/03/2020, o Presidente da Associação Federal da Polícia Civil alemã - *Bundesverbandes deutscher Kriminalbeamter*, Sebastian Fiedler, fez uma observação inteligente. Ele alertou sobre a falta de um pensamento sistêmico para avaliar a atual situação. Nós precisaríamos de uma grande mesa redonda, onde sentariam juntos, não virologistas e políticos, mas "cabeças pensantes" de várias áreas, que partindo de uma visão interdisciplinar do fenômeno, desenvolveriam uma estratégia de ação interprofissional ou melhor dizendo, um conceito mais sensato.

O nível geral de informações sobre o tema, principalmente entre os políticos, é muito baixo para poder assentar as estratégias de ações atuais sobre bases objetivas. Principalmente no que se trata do sistema imunológico humano e sua dependência dos fatores psicossociais, o que impera é basicamente uma falta de conhecimento criminoso.¹

A interdisciplinaridade faz parte da Cultura da Alma da Consciência.

¹ veja também a entrevista muito informativa com o Cientista Prof. Dr. Shiva Ayyadurai, estudioso da Biologia de Sistema <https://www.youtube.com/watch?v=w0DMuH44h1Y>. Acessado em abril de 2020.

A crise do Corona vírus não é apenas uma crise virológica, mas um problema da sociedade como um todo. As medidas tomadas até agora terão consequências negativas, que nós obviamente, neste momento, não temos capacidade de prever. Possivelmente o balanço geral das consequências que as atuais medidas terão a longo prazo, irá ultrapassar em intensidade o problema do vírus. Segundo a opinião do professor de Economia Pública Christian Kreiß, vamos viver a mais forte recessão econômica desde o início do século 20 com falência de Estados, fome, desemprego em massa e o aumento de conflitos.²

Partindo de alguns pontos de vista, queremos tentar aqui fazer um esboço de como pode ser este tipo de abordagem sistêmica.

Estatística, Número de óbitos, Testes

A cada ano cerca de 10 milhões de pessoas adoecem de Tuberculose, sendo fatal para 1,5 milhões. A maior parte dos óbitos poderiam ser evitados com medidas relativamente simples como a melhora das condições de vida destas pessoas (alimentação, higiene e moradia). Anualmente morrem na África da terrível doença Norma 80 mil crianças, os rostos destas crianças são consumidos pela infecção, levando a uma terrível desfiguração. A causa da doença é simplesmente a falta de proteína e vitamina e poderia ser evitada com o mínimo de esforço. Qual seria o nível de indignação geral, se a mídia noticiasse esta situação durante semanas e várias vezes ao dia? Mas a maioria das pessoas nem sequer conhecem a doença.

8 milhões de pessoas morrem a cada ano em todo o mundo por consequência diretas da poluição do ar, na Alemanha são cerca de 80 mil pessoas - 220 todos os dias. Quase tão alto é o número de mortes por efeitos colaterais de medicamentos. Apesar de todas estas causas de morte não serem auto-infligidas e com o respectiva vontade política poderiam ser reduzidas consideravelmente, quase não existe qualquer debate público sobre o tema, enquanto isso todos falam sobre o Coronavírus.

Anualmente 650 mil pessoas em todo o mundo morrem de gripe³, na Alemanha, numa onda da gripe mais fortes, morrem por ano entre 10 e 25 mil pessoas, isso equivale a até 60 por dia. Se, de maneira geral, termos este ano mais mortes por gripe e Corona, ainda não se sabe, mas tudo indica que o balanço final da Covid-19 não vai ser significativamente diferente das outras ondas de gripe anuais.⁴

2 <https://www.youtube.com/watch?v=HpkbwQbkEWO&feature=youtu.be>. Acessado em abril de 2020

3 <https://www.aerzteblatt.de/nachrichten/87049/Influenza-Mortalitaet-weltweit-hoehler-als-bislang-angenommen>
Acessado em abril de 2020

4 A mortalidade mais alta por gripe na Alemanha foi em 1995/96 e 2011/12 com 29 mil, 2017/18 com 25 mil óbitos. No ano da gripe suína 2009/10 não houve mortes, naquele ano também houve uma onda de pânico na mídia. Fonte: <https://www.aerzteblatt.de/nachrichten/61516/Grippewelle-Starke-Schwankungen-der-Exzess-Mortalitaet>
A mortalidade por Covid-19 foi em 31/03/2020 com 4615 óbitos.

Segundo dados do Instituto Robert Koch (instituto federal da Alemanha de infectologia), no inverno de 2018, num prazo de 8 semanas, morreram de gripe na Alemanha 25.100 pessoas.⁵ Isto não foi noticiado de facto pela imprensa, estes índices de mortalidade foram registrados dentro da faixa normal de flutuação. Em relação à situação atual, o Prof. Carsten Scheller, virologista da Universidade de Würzburg, fez a seguinte comparação⁶: Na 1ª. semana (2018) morreram 100, na segunda mil, na 3ª. semana 5 mil pessoas, depois a curva de óbitos voltou a baixar na mesma proporção que havia subido. Com o Corona (2020) estamos a milhas de distância destas marcas, mas as medidas e o nível de tensão geral são desproporcionalmente mais altos. Por quê?

O Prof. Scheller também ressalta, que com tudo o que sabemos até agora sobre o vírus, sua patogenicidade e mortalidade não se diferenciam significativamente da gripe. A, em geral, pouco confiável situação dos dados, ocasionou em partes um amplo distanciamento entre as prognoses de virologistas, que vão desde cenários catastróficos a uma pouca distinção de uma gripe comum.

O principal problema no momento é que os números publicados na mídia sugerem um aumento de infecções que podem até não ser realistas. Se mil pessoas forem testadas com o resultado de 30 pessoas infectadas e no dia seguinte forem mais 2 mil casos com a diagnose de 60 infecções, no terceiro dia mais 5 mil testes encontrando 150 pessoas infectadas, conclui-se que não foi o número de infecções, mas o número de testes que aumentou exponencialmente.

Portanto, faltam análises de amostras, como se faz numa pesquisa representativa. Isso significaria, por exemplo, que mil pessoas seriam testadas e que esta pesquisa se repetiria uma semana depois em um grupo representativo comparável. Esta é a única forma de avaliar razoavelmente a propagação da doença. Esta análise foi realizada apenas na Islândia. Das 9678 pessoas que foram testadas aleatoriamente, apenas um por cento dos testes tiveram resultado positivo, embora já se tenha provado que o vírus foi levado para o país por turistas de Ischgl e torcedores de futebol. O resultado ainda mais interessante, diz Guðnason, é que “cerca da metade das pessoas que testaram positivo não apresentou sintomas. A outra metade apresentou sintomas fracos típicos de um resfriado.”⁷

Os números não se diferenciam de resfriados e gripes sazonais.

A atual pandemia global de pânico do corona em todas as suas facetas pode se revelar, no fim, como uma oportunidade para aprendermos que tipo de caos pode resultar, quando o medo, a falta de conhecimento, o ativismo em pânico e os interesses comerciais inescrupulosos se fundem em um cenário autônomo incontrolável.

Uma palavra sobre os procedimentos dos testes: Com os procedimentos dos testes de

5 <https://influenza.rki.de/Saisonberichte/2018.pdf> p. 47. Acessado em abril 2020. Apenas 1674 casos foram testados em laboratório e isso levanta questões. Pensando que poucos pacientes com gripe são testados, podemos imaginar que o número real no mínimo vai além dos números do corona par ao mesmo período.

6 <https://www.youtube.com/watch?v=w-uub0urNfw>

7 <https://www.businessinsider.de/wissenschaft/gesundheit/die-haelfte-aller-corona-infizierten-hat-ueberhaupt-keine-symptom/> Acessado em abril 2020

vírus, devemos estar cientes de que tais testes revelam apenas o que já conhecemos. E conhecemos muito menos de um por cento dos vírus, especialmente porque os vírus estão em constante mutação.

O método comum de PCR (Polymerase Chain Reaction - Reação em Cadeia da Polimerase) não detecta um vírus, mas uma sequência de nucleotídeos, ou seja, um segmento de DNA, o qual presume-se existir no vírus procurado. Os testes são baseados no isolamento do vírus de pessoas infectadas, o qual se acredita ter causado a doença. Esse vírus é então cultivado e deste isolado será sequenciado o DNA ou RNA. No caso dos vírus RNA, o material genético tem de ser decodificado em DNA. Uma área específica é definida e replicada por meio da PCR até que a sequência de DNA procurada se torne detectável. Em investigações padrão, essas seqüências têm um comprimento de aproximadamente 3 mil pares de bases. O início e o fim da seção são flanqueados com os chamados iniciadores, que marcam a região de interesse a ser replicada.

Portanto, não detectamos diretamente um vírus, mas laboratórios ou autoridades de saúde, como o CDC (Center of Disease Control - Centro de Controle e Prevenção de Doenças) definem uma sequência de DNA considerada específica para o vírus procurado. No entanto, não conhecemos ao menos 99% de todos os vírus, de forma que não podemos descartar que a sequência de DNA também pode ocorrer em outros vírus, bactérias e parasitas - que são inumeráveis - mas que nada têm a ver com a doença. Os vírus sofrem mutações e desintegram-se, destes fragmentos de vírus um novo vírus pode ser espontaneamente formado (ou "alinhavado", como fala o virologista Luis Villarreal). Estes, por sua vez, contêm agora as seqüências dos vírus anteriormente divididos. Portanto, teríamos de conhecer todos os vírus para ter a certeza de que uma determinada sequência ocorre apenas em uma espécie. Mas não é este o caso. A análise de PCR não pode distinguir entre vírus vivos e mortos.

O risco da análise por PCR está no fato de que ela pode amplificar uma quantidade muito pequena de material genético, sobre os quais não sabemos se são de algum modo relevantes para alguma doença. Muitos dos chamados patógenos vivem permanentemente em nosso organismo, mas em números tão pequenos que não causam doenças. No entanto, eles são registrados pela PCR. Daí a grande diferença entre os chamados infectados e os realmente doentes. O rápido número crescente de infecções, que são usados como argumento para o desenvolvimento de uma pandemia grave, no final das contas, não diz nada sobre o risco real à saúde. O número de "novas infecções" publicado diariamente na mídia não representa infecções no seu sentido clássico, mas apenas os resultados dos testes, cuja relevância em relação à doença não é totalmente clara.⁸

Com a alta mutabilidade dos vírus, não podemos descartar o fato de que existem mutantes não patogênicos que apesar de conterem a sequência, não são responsáveis pelos

⁸ Kary Mullis, ganhador do prêmio Nobel pela invenção do PCR em 1993, fez um alerta sobre a dificuldade do uso do teste desenvolvido para pesquisa genética na diagnose de doenças infecciosas.

sintomas da doença. A sequência de DNA não pode ser considerada a mesma que o patógeno.

É preciso então aceitar que muitas pessoas saudáveis estão testando um falso positivo. Além disso, os resultados dos testes também podem ser falsificados por uma ampla variedade de contaminações.

Proteção do meio ambiente e da natureza

Os chamados "hotspots" para a ocorrência de casos de infecção em larga escala (EID, *Emerging Infectious Diseases*) estão onde as influências antropogênicas (densidade populacional, indústria, agricultura, consumo de antibióticos) se concentram (EUA, Europa Ocidental, Japão, Austrália). Em um estudo que registrou 335 casos de infecção epidêmica e pandêmica em todo o mundo de 1940 a 2004, 20,9% foram causados por micróbios resistentes a medicamentos (Tbc multirresistente, malária resistente à cloroquina, multirresistente *Staphylococcus aureus*); 60% por zoonoses, os quais representam o maior perigo para as EIDs. Os autores concluem que a ecologização e a conseqüentemente desindustrialização da agricultura e pecuária, bem como a redução das atividades antropogênicas em regiões com alta diversidade de vida selvagem, são os fatores de proteção mais eficazes contra pandemias.⁹

Em um artigo intitulado "O desmatamento promove vírus. As doenças se espalham porque as pessoas estão desmatando florestas primárias. A conservação da natureza pode reduzir o risco de epidemias" (*Abholzung befördert Viren. Krankheiten breiten sich aus, weil die Menschen Urwälder roden. Naturschutz könnte das Risiko von Seuchen verringern*) na *Südwestpresse* de 3/4/2020 foi citado o renomado biólogo Josef Settele, do Centro Helmholtz de Pesquisa Ambiental e presidente do Conselho Global de Índices Mundiais de Biodiversidade, que alertou em 2011: "Se não mudarmos as nossas diretrizes, enfrentaremos várias dessas pandemias." Resumindo em uma frase: destruindo os habitats naturais de animais, mais e mais vírus de animais penetrarão nas áreas de vida humana e ali se tornarão patógenos. A ministra alemã do Meio Ambiente, Svenja Schulze, diz: "É um problema que nós mesmos estamos causando!" E apela para uma maior conservação da natureza como política preventiva de saúde. "Há evidências suficientes de que a superexploração da natureza será um enorme problema de saúde".

A maioria das infecções virais é originalmente transmitida de animais para seres humanos. Por que isso acontece? É necessário nos aprofundarmos nesta questão.

A maioria dos vírus patogênicos para o ser humano vem de animais, nos quais os vírus não causam qualquer sintoma de doenças, ou seja, são não patogênicos. Sob certas condições, esses vírus sofrem mutações já nos próprios animais e depois se propagam para os seres

⁹ Jones, K.E., Patel, N.G., Levy, M.A. et al.: Global trends in emerging infectious diseases. *Nature* 2008, 451. p. 990-993.

humanos e se tornam patógenos. Quais são as condições para que isso aconteça? Observemos primeiro uma regra básica da virologia: em todo sistema biológico que está estressado, a atividade dos vírus aumentam. Por exemplo, hoje podemos saber os níveis de estresse de uma pessoa medindo a atividade dos vírus em sua saliva.

Podemos rastrear esse fenômeno desde o período Neolítico, quando os seres humanos se tornaram sedentários e transformaram regiões naturais em terras agrícolas. Através de suas atividades os seres humanos causaram à natureza e, portanto, ao mundo animal um certo nível de estresse. Hoje sabemos que o sarampo e a tuberculose são originárias das vacas, a coqueluche foi transmitida pelos porcos e as gripes pelos patos para os humanos.¹⁰

Em todos os lugares, onde seres humanos invadiram de forma destrutiva as regiões naturais, criadas ao longo de milhões de anos de evolução com sistemas de equilíbrio ecológico altamente complexos, foram liberados vírus que se tornaram patógenos humanos.

Quando os colonizadores belgas construíram as ferrovias no Congo e formaram-se cidades na selva, os lentivírus presentes nos macacos da região se adaptaram lentamente às pessoas. Dando mais tarde origem ao vírus da Aids, o vírus HI.

As maiores florestas de mangue do mundo, os Sundarbans na Índia e em Bangladesh, pertencem aos ecossistemas com maior biodiversidade do mundo. Eles foram conseqüentemente destruídos desde a era colonial, sendo declarados área protegida apenas nas últimas décadas. Quando a Companhia Britânica das Índias Orientais desmatou grandes áreas para cultivar arroz no século 19, mais e mais pessoas entraram em contato com a água salobra e os microorganismos nela existentes resultando no primeiro de um total de sete grandes pandemias de cólera.

Quando seus recursos naturais são destruídos, os animais penetram os habitats humanos e, é claro, também espalham ali seus vírus. Nas plantações de frutas, por exemplo, pode-se encontrar saliva e urina de morcegos ou morcegos da fruta, que são um verdadeiro reservatório de vírus. O vírus Nipah, que causa uma inflamação cerebral grave, tendo cerca de 50% de mortalidade, é transmitido aos seres humanos dessa maneira - principalmente através de porcos como hospedeiros intermediários.

Os morcegos da fruta também são um reservatório natural do vírus da Ebola, que desencadeia uma infecção hemorrágica com febre alta, da qual a grande maioria dos pacientes vêm a falecer (em 2014 houve 11 mil mortes na África Ocidental). Eles chegaram aos seres humanos através de porcos e macacos como hospedeiros intermediários, nos quais os vírus continuam a sofrer mutações.

Na produção animal industrial estadunidense, mais de 50% dos animais estão infectados

¹⁰ <https://atlas-der-globalisierung.de/woher-kommt-das-coronavirus/>

com EHEC¹¹, germes que são prejudiciais aos seres humanos, mas não aos animais. Na produção em grande escala, enormes quantidades dos dejetos produzidos não podem mais ser aplicados nos campos e, portanto, são depositados em grandes fossas sépticas, um local ideal para os patógenos EHEC. Estes entram no ciclo alimentar humano pela água potável e causam cerca de 90 mil casos de EHEC por ano nos EUA.¹²

Nos chamados mercados molhados da Ásia (Wet markets), especialmente na China, pode-se comprar animais vivos, que são abatidos na hora da venda. Os animais geralmente são mantidos em gaiolas estreitas super lotadas e sofrem um imenso estresse, liberando assim numerosos vírus e conseqüentemente existe a troca destes vírus entre animais e seres humanos. Na China, o "mercado atacadista de peixe e frutos do mar de Wuhan Huanan", hoje fechado, foi considerado o primeiro local a aparecer a infecção da atual epidemia de Coronavírus. Os agentes causadores da SARS, gripe aviária e outras novas epidemias também vêm destas condições lamentáveis e conseqüentemente da produção animal industrial.¹³

Temos que nos fazer um pergunta básica, se através desta maneira desrespeitosa de tratar a natureza, não vamos pagar, no fim, um preço para nós letal. O que em cada vez mais aspectos, está se tornando cada vez mais claro. Com uma fatal ignorância do sistema de codependência da natureza, a indústria global de alimentos opera de acordo com o lema "catástrofes a longo prazo por lucro a curto prazo". Grandes monoculturas mudam massivamente o número da população de algumas espécies, o que leva ao desequilíbrio ecológico generalizado e com isso à tendência à doenças em uma dimensão sem limites.

Sempre se argumentou que as novas doenças teriam sua origem nas "aves selvagens asiáticas", mas esse não é o caso. Os vírus comensais, os vírus nativos das aves, são parte das aves selvagens, assim como as penas e os bicos. No entanto, quando esses vírus são transmitidos para espécies similares em granjas, estes se transformam em formas patológicas que podem vir a ser um perigo também para os seres humanos. Esse é um fato muito importante. Por que nas granjas os vírus de aves, que normalmente são completamente inofensivos aos seres humanos, se transformam repentinamente em formas patogênicas humanas? É o ser humano que constrói essas instalações "doentes" e, com isso faz de si parte de um sistema patológico geral, que volta como efeito sobre si mesmo.

A melhor proteção contra doenças é o respeito a toda as criaturas e, portanto, à conservação da natureza. A patologia causada por microorganismos começa onde desconsideramos as esferas de autonomia de seres humanos e animais. As epidemias surgem onde pessoas e animais estão sob estresse constante, em regiões em crise onde há tensão,

11 EHEC = Colite Hemorrágica : Uma bactéria mutante de Escherichia coli, que causa diarreias com sangue e causam falência dos rins.

12 Venegas-Vargas, C. et al.: Factors associated with Shiga toxin-producing Escherichia coli shedding by dairy and beef cattle., Applied and Environmental Microbiology, Bd. 82, Nr. 16, Washington, D. C., August 2016.

13 Wallace, R.: Big farms Make Big Flu: Dispatches on Influenza, Agribusiness, and the Nature of Science. Verlag Monthly Review Press New York 2016.

medo, escassez e distanciamento da natureza, na criação industrial de animais e em grandes aglomerações humanas em condições desumanas.

Olhando bem de perto!

Diferentes prognoses foram feitas por vários virologistas, que vão de menos dramáticas à muitos milhões de mortes, como na gripe espanhola. De fato, precisamos perceber que mesmo os virologistas simplesmente não possuem informações suficientes e não devemos nos deixar influenciar por uma polarização entre minimizadores e provocadores de pânico. O renomado epidemiologista da Stanford, J.P. Ioannidis enfatiza expressamente que os dados existentes simplesmente não são suficientes para uma avaliação confiável.

O porque de haverem tantas mortes na Itália e também em outras regiões, é uma questão que deveria ser cuidadosamente examinada e não deveria ser atribuída de maneira generalizada e às pressas ao Corona-terror, mesmo que a repetida visão da Lombardia de caminhões carregados com cadáveres possa sugerir tal coisa. Eventos especiais sempre exigem uma investigação particularmente cuidadosa; essa é uma antiga sabedoria médica. Obviamente, existem circunstâncias aqui que não podem ser explicadas apenas pelo vírus. Por que o mesmo vírus deve ter infecciosidades, patogenicidades e conseqüentemente mortalidades regionais tão diferentes? As razões para tais eventos são geralmente multifatoriais e se deve ter cuidado com as explicações demasiadamente simples.

Em todas as circunstâncias médicas, precisamos primeiro de um histórico médico preciso. Qual é a situação na Itália?

A idade média das pessoas falecidas era de 81 anos.¹⁴ Se uma pessoa idosa com várias comorbidades apresenta um resultado positivo para o Coronavírus antes de sua morte, isso não significa que ela faleceu da infecção por corona. Isso significa apenas que o sistema imunológico, já enfraquecido na fase final da vida, não opõe resistência a vários outros parasitas como também ao - no momento tão presente - Coronavírus. O que pode, dentro de certa situação, acelerar o processo de morte, mas não ter sido a sua causa. A maioria das vítimas faleceu não *pelo*, mas *com* o vírus corona. Os altos índices na Itália foram gerados, entre outras coisas, por essas coletas de dados epidemiologicamente incorretas.

É necessário esclarecer se nas respectivas áreas havia a presença de outras doenças infecciosas que agravaram ou potencializaram o problema.¹⁵ Talvez um grande número de pessoas tenham sido vacinadas devido ao medo de doenças, o que aumentaria temporariamente

14 Informação no Instituto Nacional da Saúde italiano. <https://www.epicentro.iss.it/coronavirus/sars-cov-2-decessi-italia>

15 No meses de inverno 2017/18 os hospitais de tais regiões já haviam entrado em colapso com um grave onda de gripe. (https://milano.corriere.it/notizie/cronaca/18_gennaio_10/milano-terapie-intensive-collasso-l-influenza-gia-48-malati-gravi-molte-operazioni-rinviate-c9dc43a6-f5d1-11e7-9b06-fe054c3be5b2.shtml)

sua suscetibilidade às infecções¹⁶. Também o conhecido alto nível poluição do ar na Lombardia eleva os índices de complicações graves de infecções broncopulmonares.

Quão alto foi o consumo de antibióticos na região, que geralmente dentro de uma onda de gripe são inadequadamente receitados? Com as pesquisas sobre microbiomas sabemos muito bem que apenas uma administração de um antibiótico pode reduzir significativamente as funções de defesa do corpo. Há muito tempo já é sabido que, para infectar ratos saudáveis com salmonela, é necessário utilizar por volta de 100 mil germes para que 50% dos ratos fiquem doentes. Se nas semanas anteriores os ratos receberem antibióticos uma vez (o que leva a irritação prolongada do microbioma intestinal provocando a defesa imunológica), então apenas 3 (!) germes serão suficientes para que metade adoeça.¹⁷

Na Lombardia, a idade média da população é uma das mais altas da Europa. Aqui, pacientes com sintomas de gripe 80% dos casos são tratados com antibióticos, 50% com medicamentos antivirais e 30% com esteróides.¹⁸ Os antibióticos não têm efeito terapêutico nas infecções virais, os esteróides e alguns dos medicamentos antivirais têm efeito imunossupressor.

Como parte das medidas de austeridade da UE, o número de leitos hospitalares na Itália foi reduzido de 10 para 3 por mil habitantes e a equipe de enfermagem foi reduzida em 30%. Como resultado, as condições de oferta e, acima de tudo, de qualidade do atendimento aos idosos se tornaram significativamente piores. As imagens de unidades de terapia intensiva lotadas em Bérgamo também têm algo a ver com a escassez de camas.

Nesses casos, é preciso olhar atentamente para cada paciente, suas condições de vida e seu histórico para obter uma compreensão realista do curso da sua doença. Acima de tudo, o nível de seguridade social, que diminui com o aumento do desemprego, é um previsor confiável da propagação de epidemias.

Em 2007 foi realizado na Universidade de São Francisco um estudo com pessoas desempregadas¹⁹. A atividade do sistema imunológico foi registrada regularmente usando as células exterminadoras naturais ao longo de 19 meses, desde o início da fase de desemprego. Foi possível perceber um declínio contínuo da atividade, com um aumento correspondentemente para a disposição à doenças. As células exterminadoras eliminam vírus e células cancerígenas do organismo. Nos indivíduos que encontraram trabalho novamente as células retornaram ao seu nível original de atividade. Os mesmos resultados foram obtidos em um estudo de 1992 em Osaka, Japão, com taxistas que em meio a uma recessão econômica estavam ameaçados de

16 Em janeiro de 2020 houve uma campanha de vacinação nas regiões de Bérgamo mais atingidas pelo corona, 34 mil pessoas foram vacinadas contra a meningite Meningococcus C. Veja: <https://www.bsnews.it/2020/01/18/meningite-vaccinate-34mila-persone-tra-brescia-e-bergamo/>

17 Bohnhoff, M., Drake, B.L., Miller, C.P.: Effect of streptomycin on susceptibility of intestinal tract to experimental Salmonella infection, Proceedings of the society for experimental biology and Medicine 1954; 86. p. 132-137.

18 Entrevista com Dr. Claus Köhlein <https://www.youtube.com/watch?v=6syjMq4rXpk>

19 Cohen, F. et al.: Immune Function Declines With Unemployment and Recovers After Stressor Termination. Psychosomatic Medicine 69(3). p. 225-234

sofrerem grandes cortes salariais, perda de empregos e meios de subsistência. Vários parâmetros de imunidade foram utilizados para mostrar como as funções de defesa diminuíram e o risco de infecções e outras doenças aumentaram com o tamanho do estresse psicossocial.²⁰

É compreensível, especialmente em situações médicas precárias, que um nível excessivo de tensão e medo possam levar a sérias distorções na percepção da realidade e a interpretações errôneas - na psicologia falamos de catastrofização - mas para as reflexões de estratégias de ação esta situação não ajuda muito. A transmissão emocional de supostos relatórios médicos (de horror) por informantes não profissionais é caracterizada pelo fato de que a maioria destes relatórios não resistem à dois ou três confrontamentos com as reais circunstâncias. Uma droga psicológica à qual muitos jornalistas obviamente não estão imunes, muito menos os políticos que estão sob a alta pressão das expectativas e são movidos pelo medo de fracasso e riscos de perda votos. Estes tendem a ter reações exageradas e não refletidas sob o pressão da imprensa e dos agressivos lobistas das indústrias farmacêuticas, como podemos observar neste momento.

A epidemia de medo é muito mais contagiosa que o vírus. É importante considerar a soma de efeitos psicossociais. Um país inicia "medidas de proteção" e outros países seguem o exemplo. Os políticos responsáveis acabam por lidar com o medo de que possam vir a cometer um erro e, em algum momento, há um exagero na radicalidade das medidas, o que numa situação de medo coletivo pode angariar mais votos, encenando-se como uma "pessoa de atitude", um "salvador". Ao mesmo tempo, a mídia se excede com reportagens dramáticas, relatando principalmente o que o público amedrontado já espera. Assim são criadas câmaras de eco da mídia e efeitos de auto-amplificação. São entrevistados principalmente especialistas que confirmam o nível de ansiedade gerado pela mídia. Os institutos de estudos virológicos, mais preocupados com sua reputação e com financiamento de pesquisas do que geralmente se supõe, também usam este cenário para o interesse próprio. Apesar de não saberem nada de fato sobre o processo desta "pandemia", geralmente se deixam levar por prognoses ousadas, o que leva a previsões muito divergentes.

É necessário estar ciente sobre as dinâmicas psicossociais nestas epidemias. Para os responsáveis a compulsão psicológica de agir em situações de tensão global é enorme!

Aqui está um exemplo corajoso: na pandemia de Aids nos anos 80 e 90, devido a testes muito pouco confiáveis, mais de 50% das pessoas eram HIV positivas em algumas regiões da África do Sul. A OMS (Organização mundial de Saúde) previu que milhões de pessoas morreriam nos próximos 20 anos, falou-se até sobre a possível extinção de países inteiros. O então presidente Thabo Mbeki não pôde observar qualquer aumento na taxa de mortalidade em seu país e, posteriormente, convocou um grupo seletivo de cientistas internacionais *críticos* em busca de aconselhamento. A partir daí não foram realizados mais testes ou terapias antivirais, com o resultado de que nada mudou nas estatísticas de mortes da África do Sul; pelo contrário, algumas

20 Schubert, C.: Was uns krank macht, was uns heilt. Verlag Fischer & Gnann, Munderfing 2016; p. 111-113.

das regiões afetadas tiveram o maior crescimento populacional em todo o continente.²¹

Vírus e o sistema imunológico

O vírus corona não é novo, pertence a um grande grupo de patógenos que a cada ano afetam o trato respiratório superior. Altamente mutáveis, isto é, os vírus RNA versáteis podem mudar naturalmente em sua infectividade e patogenicidade, mas isso não se deve apenas ao vírus, mas está também essencialmente relacionado à condição geral da imunidade em uma sociedade. E isso nos leva ao ponto fundamental.

O risco de ficar gravemente doente aumenta com a idade, porque a resistência vai diminuindo, há doenças concomitantes e os sistemas imunológicos se tornam mais fracos. No fundo, não morremos por causa do vírus, mas de uma disposição muito específica, como uma deficiência imunológica, sem a qual nenhum vírus poderia se espalhar como uma doença grave em nosso organismo. Após quatro anos de estresse da Primeira Guerra Mundial, em 1918, eclodiu a gripe espanhola²², na época foram realizados testes em Boston e em São Francisco com fuzileiros navais, que estavam presos, para verificar o risco de infecção. Os 62 homens jovens e saudáveis, 39 dos quais nunca estiveram gripados, receberam a promessa de serem perdoados se permitissem serem pulverizados na boca e na garganta com o muco nasal de doentes graves, sentassem na cama de pacientes infectados com a gripe e os deixassem tossir e Inspirassem o hálito exalado de doentes: Não houve qualquer caso de infecção.²³

Queremos esclarecer esse ponto importante através de um outro exemplo.

Já se sabe há muito tempo que os seres humanos possuem de maneira constante milhares de células cancerígenas mantidas sob controle por um sistema imunológico ativo. Em 2004, um estudo revelador foi publicado sob o título "*Cancer without disease*" ("Câncer sem doenças").²⁴ Na necrópsia de 200 mulheres entre 40 e 50 anos falecidas após um acidente, encontrou-se por acaso em 39% das pessoas afetadas pequenas manchas de câncer nos seios, apesar de que nesta faixa etária, a taxa de incidência de câncer de mama é de apenas 1%. Existem achados semelhantes para o carcinoma da próstata e da tireóide. Em outras palavras, na verdade sempre temos "câncer" dentro de nós, mas só adoecemos se nosso sistema imunológico permitir. Por isso a terapia moderna contra o câncer olha cada vez menos para as próprias células

21 Sidley, P. Mbeki appoints team to look at cause of AIDS, British Medical Journal 2000; 320(7245): 1291. Veja também Köhnlein/Engelbrecht S.153 f

22 Uma análise detalhada mostra que houve gravíssimos fatores responsáveis pela morte de milhões de homens jovens, como a vacinação em massa negligente com um preparado de 24 agentes com metais pesados, testado de maneira insuficiente. Veja também Köhnlein/Engelbrecht, p. 245-252

23 Kolata, G. Influenza: Die Jagd nach dem Virus. Fischer Sachbücher 2002. p. 73

24 Folkmann J., Kalluri R.: Cancer without disease. Nature 2004; 427, p. 787.

cancerígenas, mas para a atividade do sistema imunológico. Já não se pesquisa as células cancerígenas, mas o que está acontecendo ao seu redor.²⁵

E em relação ao vírus não é diferente. Com cada folha de alface que ingerimos, consumimos cerca de 1 bilhão de vírus. Um mililitro de água de um riacho saudável ou do mar pode conter mais de 10 milhões de vírus. Até a água potável está repleta de vírus. Cada vez que respiramos, recebemos dezenas de milhares de vírus. No intestino, nos pulmões, na pele e nas mucosas, mesmo dentro das células do corpo existem inúmeros vírus: não chegamos a conhecer 1% de todos esses vírus, e uma coisa que eles não são é causadores de doenças! Pelo contrário, o conhecimento da genética moderna nos ensina algo que exige de nós uma perspectiva completamente nova, que nada tem a ver com a velha imagem de inimigo vírus: os vírus são os decisivos impulsionadores da evolução genética, os vírus são o motor para a renovação evolucionária e para a biodiversidade. Provavelmente a descoberta científica mais importante do século XXI é de que todo o nosso patrimônio hereditário é composto de vírus!

Material genético voador

Temos de deixar algo claro: Fora dos organismos os vírus são materiais genéticos "voadores" presentes, a partir dos quais os seres vivos compõem seus genes no processo evolutivo. Assim como plantas e animais recolhem do meio ambiente nutrientes, oxigênio e CO₂ e os utilizam para construir seu organismo, pegamos a matéria-prima genética da virosfera por longos períodos evolutivos e construímos nosso material genético a partir dela. Aqui só é possível explicar as descobertas modernas de uma maneira relativamente simples, se alguém estiver especialmente interessado no tema, deixamos aqui referências de literatura.^{26 27}

Sempre que somos confrontados com algo novo - pode ser um vírus, uma bactéria, mas também uma nova experiência ou uma nova situação na vida - há uma oportunidade para um desenvolvimento, mas também há o risco de que a situação nos sobrecarregue, que o novo "tome conta de nós" e não nós do novo - e é assim que surgem as doenças virais, que, no entanto, representam apenas a mínima parte de todas as contaminações por vírus.

Para entender isso, um princípio básico precisa ser lembrado novamente: em todo sistema ecológico, seja uma floresta, uma extensão de águas, um rebanho de gado, uma sociedade humana ou um organismo humano, a atividade dos vírus aumenta assim que esse sistema está sob estresse. Há uma razão simples para isso: um sistema vivo que está em perigo ou sob

25 Se o lixo se empilha nas ruas, não ajuda muito pesquisar o lixo. É necessário observar o sistema de coleta de lixo da cidade para entender as causas do problema. Da mesma forma com as células cancerígenas: estas por si só não trazem informações sobre as causas da sua multiplicação.

26 Mölling, K.: Supermacht des Lebens, Reisen in die erstaunliche Welt der Viren, C.H. Beck Verlag 2014

27 Hardtmuth, T.: Die Rolle der Viren in Evolution und Medizin – Versuch einer systemischen Perspektive. Jahrbuch für Goetheanismus 2019

ameaça, está sob uma pressão para se adaptar; precisa mudar para poder atender adequadamente à nova situação. Isso requer alterações no campo microbiológico até os genes. No âmbito genético o ecossistema não pode esperar que ocorra qualquer mutação aleatória, mas precisa dos vírus como um "material" genético, a fim de permitir tais processos de inovação. Por exemplo, existem tipos de painço que se tornaram mais resistentes ao calor devido à absorção de um vírus, podendo assim serem cultivadas em áreas quentes e secas.²⁸

Nos meses de inverno, as pessoas e a natureza estão naturalmente sob certo estresse: falta de comida, as reservas de vitaminas e gorduras são gastas, falta de luz e calor, ventos frios etc. A transição do inverno para a primavera é o momento de inovação e motivação em que as pessoas olham confiantes para o futuro e fazem planos, porque a proximidade da primavera as motiva positivamente. Inúmeras festas como o Carnaval e a Páscoa têm a ver com isso. Este é um princípio evolutivo que se desenvolveu ao longo de milhares de anos. Toda a tradição do Carnaval se baseia em nada mais do que repelir o velho, afugentar as bruxas e se preparar para o novo, para a nova "vida" esperada durante o longo e difícil inverno.

Nos meses de inverno, a natureza dorme e a aproximação da primavera vem acompanhada pela "brisa" de uma nova qualidade de ânimos (em termos antroposófico, diríamos "astralidade"), que completa este despertar como o gorjear dos pássaros ou o canto do galo pela manhã, é quando a astralidade retorna com o despertar. Muitos vírus vivem nesta "brisa", que começa em fevereiro e março. São a matéria-prima orgânica com a qual as energias de renovação trabalham a nível biológico. Em muito poucos casos, os vírus são patógenos! Como regra eles têm um chamado ciclo lisogênico; entram no nosso organismo ou seja nas células do corpo, e aí começam a sofrer mutações, especialmente os vírus RNA (hepatite, gripe, HIV, Corona, etc.). Eles costumam fazer isso em uma velocidade espantosa, de modo que, depois de um tempo, não resta mais nada do vírus original, a chamada sequência original. Eles passam por uma micro-evolução altamente personalizada para cada pessoa ou organismo hospedeiro. Hoje, acredita-se que os vírus mutantes e o sistema imunológico se envolvem em uma "luta"²⁹ que termina em doença ou imunidade. O que realmente está acontecendo é que essa mutação do vírus, que é sensivelmente acompanhada e modulada pelo sistema imunológico, expande a diversidade genética e, portanto, ao escopo da inovação genética. *Toda a biodiversidade em evolução surgiu desta e de maneiras semelhantes.*³⁰

Com a ajuda dos vírus, criamos novas oportunidades no campo genético, mas eles

28 Roossinck, M.J., Márquez, L.M., Redman R.S. et al.: A virus in a fungus in a plant: Three-way symbiosis required for thermal tolerance. *Science* 2007; 315. p. 513–515.

29 O conceito de "luta" na medicina tem sua origem no pensamento militar do século XIX, quando Hospital Charité, em Berlim, a Meca da medicina, estava sob uma direção militar. Nós "lutamos" contra vírus e bactérias e células cancerígenas com uma estratégia de dizimação. (radiação, quimio, antibióticos etc.), o que tem sua razão, mas também leva a uma forma de pensar equivocada.

30 Villarreal, L.P., Witzany, G.: Rethinking quasispecies theory: From fittest type to cooperative consortia. *World Journal of Biological Chemistry* 2013; 4(4): p. 79–90.

também abrigam riscos de doenças. Quando uma criança pequena aprende a andar, aprende algo novo - uma criança aprende milhares de coisas novas todos os dias. Aprender a andar envolve riscos; a criança cai cem vezes e machuca-se antes que a nova habilidade seja alcançada. Este também é o caso com as doenças infantis: Nesta época as habilidades imunológicas são adquiridas para toda a vida, sempre associadas ao esforço e a uma certa dor. Não dá para alcançar tal coisa a troco de nada.

Portanto, o ciclo lisogênico de um vírus significa que o adquirimos, processamos e integramos como muitas outras coisas que absorvemos do mundo e assimilamos. No entanto, se nosso organismo é colocado em estresse, o ciclo lisogênico pode mudar para um ciclo lítico, ou seja, o vírus se multiplica de maneira inadequada e destrói a célula (lise celular). Então vamos lidar com uma doença infecciosa. Os vírus da herpes, por exemplo, permanecem num ciclo lisogênico nas células nervosas, que entram num ciclo lítico quando estressadas e assim se transformam em uma infecção (Herpes Simples ou Herpes Zoster/zona).

Doenças e equilíbrio social

O que significa imunidade? - Tocamos aqui no ponto central de nossas observações: A atividade do nosso sistema imunológico é a expressão direta da presença do nosso eu-presente (*Ich-Präsenz*). Onde aprendemos algo novo, onde realmente nos esforçamos, nosso eu está presente.

No campo biológico, a nossa imunidade saudável é o mesmo, no campo mental (*seelische Ebene*) são atenção, motivação, autoconfiança, presença, interesse, comprometimento e muito mais. Quando realmente queremos algo e o fazemos com entusiasmo e nisto experimentamos significado e desenvolvimento, mas também um senso de comunidade, o nosso sistema imunológico está vital e robusto. Sociedades que solidariamente trabalham em um ideal ou uma visão, sociedades nas quais as idéias estão vivas e nas quais as pessoas não trabalham passivamente e com medo, mas com coragem, criatividade, cooperação, justiça e confiança, porque têm um objetivo comum em tais sociedades não há terreno fértil para epidemias.

Como demonstraram os epidemiologistas Wilkinson e Pickett, o nível de saúde das pessoas em países com equilíbrio social é muito melhor.³¹ Na situação atual, considerar as descobertas modernas da pesquisa em medicina social e psicologia social teria levado à mais prudência na escolha de medidas tomadas . O *shutdown* social também pode se tornar um *shutdown* imunológico.³²

31 Wilkinson, R., Pickett, K.: Gleichheit – warum gerechte Gesellschaften für alle besser sind. Berlin 2010

32 Além disto ficar em casa , numa visão virológica, não faz sentido, porque os vírus se multiplicam mais na "estufa da casa". A luz do sol, ao contrário, é o o melhor antiviral e antibiótico natural, como disse em uma entrevista a

Se um grupo de 100 pessoas é exposto a um vírus e 20 adoecem, não devemos focar na idéia apenas de infecção (exposição), mas sim devemos nos perguntar por que 80 *não* ficaram doentes (disposição e constituição). Este é um pensamento moderno e salutogenético, que fornece conceitos muito mais viáveis para o futuro do que a propaganda do medo na mídia.

E quando nossa imunidade diminui? Isso não ocorre apenas na velhice, quando as pessoas naturalmente não se conectam mais tão fortemente ao mundo. A Psiconeuroimunologia claramente trouxe isso à tona nas últimas duas décadas: o fator causador de doenças mais forte para os seres humanos é o estresse crônico, negativo e ansioso!

"O medo é de longe o sentimento mais forte que pode perturbar os sistemas de controle no tronco cerebral para o controle integrativo das reações físicas e, portanto, os poderes de auto-cura do organismo através da ativação de redes neuronais do sistema límbico, especialmente a amígdala". (G. Hüther³³)

Hoje se pode verificar exatamente o nosso sistema imunológico entrando em colapso, quando somos cronicamente humilhados, marginalizados, degradados e não aceitos como seres humanos. Ou quando a fome, a miséria, a guerra, o medo, o terror, o frio, a tensão prevalecem, doenças e epidemias surgem. Nas guerras dos séculos passados, morreram mais pessoas de cólera, febre tifóide, tifo, malária etc. do que pelos próprios atos de guerra. Isso não é apenas por causa dos patógenos, mas também por causa da perda da esfera da autonomia humana. Quando por puro medo e terror o homem perde sua autoconfiança e, com isso, toda a motivação para a vida; se retira do mundo como um ser humano e o seu sistema imunológico entra em colapso.

Os efeitos imunológicos negativos a longo prazo causados pelas medidas atuais, com seu enorme impacto sobre os direitos das pessoas à liberdade e meios de subsistência³⁴ e as experiências de sofrimento e doença não podem ser registrados estatisticamente.

Ao contrário do que se ouve com frequência, o declínio das epidemias e doenças infecciosas nos séculos 19 e 20 não se deveu ao sucesso médico através de vacinas e antibióticos, mas foi quase exclusivamente devido à melhoria das condições de vida, como condições de moradia limpas e secas, roupas quentes, alimentação saudável e suficiente, higiene, água potável e segurança social. Isso é evidenciado em um discurso do presidente da Associação Britânica para o Avanço da Ciência (British Association for the Advancement of Science), em 1971:

"As taxas adicionais de mortalidade por escarlatina, difteria, coqueluche e sarampo em crianças até 15 anos mostram que o declínio na mortalidade entre 1860 e 1965 ocorreu quase 90% antes da introdução dos antibióticos e da disseminação das vacinas".³⁵

virologista Karin Mölling. <https://www.rubikon.news/artikel/die-stimme-der-vernunft>

33 Aus: Badura, B., Schröder, H., Klose, J., Macco, K. (Hrsg.): Fehlzeitenreport 2009. Arbeit und Psyche, Belastungen reduzieren, Wohlbefinden fördern. Springer-Verlag Berlin 2009; p. 28

34 25 milhões de pessoas perderam seu emprego no EUA, na Alemanha, somente no segmento da gastronomia, teremos de contar com muitas insolvências.

35 Porter, R. R.: The Contribution of the Biological and Medical Sciences to Human Welfare, Presidential Address to the British Association for the Advancement of Science, Swansea Meeting, 1971, London: the Association, 1972, p.

Em outras palavras, as epidemias desempenham papel importante nas sociedades civis humanas que funcionam bem, mesmo que novos cenários de medo tenham sido construídos há anos com SARS, BSE, gripe aviária, gripe suína e atualmente com Corona. Se olharmos as condições de sociedades onde existem epidemias reais; encontraremos nelas as suas principais causas, que não são vírus e bactérias - por exemplo, o Ebola no Congo, onde, ao lado da seca e da fome, a guerra civil, o terror, a fome, os assassinatos e os homicídios imperavam há anos. Também nos EUA, o empobrecimento de amplas camadas da população e as correspondentes tensões sociais estão aumentando o fosso entre ricos e pobres. O problema do Coronavírus afeta principalmente negros e pobres.

Ao invés de localizar e abordar as causas da epidemia na política, na mídia e na sociedade, nos problemas estruturais reais, está sendo criado um cenário de ameaça que oferece um modelo de negócio global, que vive de fazer de vírus e bactérias os nossos inimigos. Os lucros das empresas farmacêuticas estão agora na faixa de bilhões. Assim como uma indústria de armamentos não tem interesse na paz e já alimentou muitos conflitos militares através do financiamento de "rebeldes" e "contras", também os negócios globais de vacinas e medicamentos antivirais devem ser estimulados com novas estratégias para a geração de medo

Na Cúpula Econômica Mundial de 2001, em Davos, a chamada parceria público-privada da saúde entre a indústria farmacológica e a OMS foi acordada contratualmente.³⁶ A partir desse momento, o financiamento da OMS (orçamento anual de 4 bilhões de dólares) 75% originado de fundos industriais, junto com a Fundação Bill e Melinda Gates e também da gigante farmacêutica GlaxoSmithKline, com suas respectivas conseqüências. Surpreendentemente para muitos especialistas, a OMS declarou o nível de alarme mais alto para a gripe suína em 2010, uma "pandemia mundial". Por esse motivo, segundo o contrato, os governos federal e estaduais da Alemanha, por exemplo, foram forçados a comprar vacinas no valor de mais de 200 milhões de euros da GlaxoSmithKline. Mas a pandemia global não se materializou. Esses medicamentos GlaxoSmithKline acabaram sendo incinerados. Diz-se que o alarme falso da OMS trouxe ao mundo farmacêutico um lucro total de US \$ 18 bilhões. As principais autoridades responsáveis pelo programa de gripe suína da OMS na época mantinham bons contatos com a indústria farmacêutica: Marie-Paule Kieny, que trabalhou para as empresas farmacêuticas Transgene e Roche até 2001, foi então diretora de vacinação da OMS e Klaus Stöhr por anos da Chefe da Força-Tarefa da Gripe da OMS, mais tarde mudou-se para a gigante farmacêutica Novartis. Em 2005, ele alertou o risco de 7 milhões de mortes por gripe aviária, de fato, houveram apenas 152 em todo o mundo.³⁷

Em outubro do ano passado, ocorreu uma reunião em um hotel em Nova York com o nome

95. Citado de Illich, I.: Die Nemesis der Medizin, Hamburg 1981, p. 20 ff.

36 O anúncio de Trump em deixar de contribuir para a OMS, significa que no futuro o financiamento e as políticas globais de saúde estarão totalmente nas mãos das companhias privadas.

37 <https://de.wikipedia.org/wiki/Weltgesundheitsorganisation>

"Evento 201", durante o qual uma pandemia de Corona foi simulada. O evento foi realizado pelo Centro de Segurança em Saúde da Universidade Johns Hopkins, em colaboração com o Fórum Econômico Mundial e a Fundação Bill e Melinda Gates, os principais agentes no negócio global de vacinação. A simulação chegou à conclusão de que 60 milhões de mortes poderiam ser esperadas em todo o mundo. Uma das conclusões foi que mais suprimentos médicos precisariam ser comprados em todo o mundo.³⁸

*Os dados sobre o Corona da Universidade Johns Hopkins (JHU) formaram durante semanas na primavera de 2020 a bases para as diretrizes dos relatórios alemães na pandemia. A edição das 20h do telejornal Tagesschau também usou esses números. No entanto, a sempre mencionada referência à "Universidade Johns Hopkins" sempre se mostrou insuficiente. Porque os dados, que a universidade publica em um painel para 180 países em tempo real, provêm de centenas de fontes individuais e só se juntam na universidade particular de Baltimore. Se compararmos os dados com os do escritório oficial de registro alemão, o Instituto Robert Koch, os números na universidade dos EUA às vezes são, em parte, maiores em vários milhares de novas infecções.*³⁹

Uma das principais preocupações dessas elites do setor de saúde global é impor às Nações Unidas que o futuro gerenciamento de pandemias seja feito apenas por elas, ou seja, por empresas privadas.⁴⁰

O internista de Kiel, Claus Köhnlein e o jornalista Thorsten Engelbrecht escreveram um livro absolutamente sério, com uma excelentemente pesquisa científica sobre os negócios globais com as epidemias.⁴¹ Uma leitura obrigatória no momento atual!

O diagnóstico de crime latente em muitas áreas da indústria farmacêutica já foi realizado há muito tempo e a literatura sobre ele preenche prateleiras inteiras. O nível de indignação pública é muito baixo, em vista das condições escandalosas. O motivo é simples. As empresas farmacêuticas mantêm enormes departamentos jurídicos, com isso têm muito força e fôlego para defenderem seus interesses, assim muitos dão-se por vencidos. Os custos imensamente altos dessa defesa legal são calculados nos preços dos medicamentos, o que significa que são financiados indiretamente pelo dinheiro dos planos de saúde. Somente em 2011, a GlaxoSmithKline pagou US \$ 3 bilhões em multas por marketing ilegal.⁴²

A crise atual é um apelo urgente à conscientização das pessoas.

A solidariedade e as ações consequentes que a crise nos forçou a adotar, em maior ou menor grau, devem ser interiorizadas de maneira voluntária para juntos planejarmos uma visão

38 https://de.everybodywiki.com/Event_201

39 <https://www.tagesschau.de/inland/johns-hopkins-uni-corona-zahlen-101.html>

40 <https://www.rubikon.news/artikel/pest-und-corona>

41 Köhnlein, C., Engelbrecht, T.: Viruswahn. Wie die Medizin-Industrie ständig Seuchen erfindet und auf Kosten der Allgemeinheit Milliardenprofite macht. Emu-Verlag Lahnstein, 8. Auflage 2020

42 Göttsche, P.: Tödliche Medizin und organisierte Kriminalität. München 2014

para uma sociedade mais humana, para uma nova democracia, pela qual valha a pena viver e trabalhar. Essa é a saída saudável para os riscos de epidemias.